

Candidatos machistas



Quando dos trabalhos da Constituinte, houve um consenso geral em relação as aprovações das propostas relacionadas com as mulheres, mormente à gerência familiar, com modificações de uma dezena de artigos do Código Civil Brasileiro, que é de 1915.

Tem sido a bandeira dos candidatos a Presidente da República a defesa dos direitos da mu-

lher, já alcançados na Constituinte, o que é óbvio.

Aos poucos vai se descobrindo as verdadeiras intenções de cada candidato, caíndo a pelo de cordeiro que escondem, não passando de uns lobos, como se vê pela infeliz declaração de Maluf: "Se tem vontade de estuprar, então estupre, só não mate"; e o Afif que passou sua tia para trás no inventário, deixando-a na rua da amargura.

A situação de Collor de Mello não tem sido diferente, pois tem sua origem como ex-manequim e tem distribuído socos, empurrões e cotoveladas e proferindo palavrões contras as mulheres-repórteres que o cercam lembrando, quem sabe, os tempos em que dava uma surra por semana na ex-mulher até que esta, cansada de opinar, voltou humildemente à casa de seus pais. **José Alcides de Oliveira — Núcleo Bandeirante.**

SOS para a saúde

Senhor vencedor do segundo turno. Seja Vossa Excelência religioso, ateu, livre-pensador, esquerdista, direitista, centrista, libero, corrupto ou honesto, rabo preso ou não, competente, picareta, sincero, vigarista, acabe com a indústria de saúde! Trate de universalizar, embasando-a com profundidade e abrangência, a medicina humanista neste País. Inclua a obrigatoriedade de rigorosos testes pré-vocacionais que impeçam, ou quando nada minimizem, nos vestibulares para medicina ou enfermagem, a ocorrência de espíritos apáticos, perversos ou mercenários. Envie mensagem ao Congresso Nacional propondo lei que crie o Júri Popular para crimes médico-hospitalares e caracterize esses tipos de delito que, até hoje, têm-se repetido, diária e impunemente, contra a saúde e a vida do nosso povo.

E não se invoquem, na espécie, as famigeradas leis de mercado, pois, aqui, ninguém está falando de algo comparado a viagem de avião, consumo de uísque importado ou hospedagem em hotel cinco estrelas. Como atender à nossa súplica? Se não souber de pronto, indague à sua assessoria. Fazer Vossa Excelência passar pelo funil do primeiro turno, e, depois disso, ganhar no segundo, dentro do quadro que aí está, é desafio muito mais trabalhoso e complexo. E ela, a sua assessoria, vai conseguir. **David Malcher — SQN 403**

Diploma de presidente

Fiquei sabendo que não é necessário ter nível superior para exercer o maior cargo público do País: a Presidência da República.

Agora me pergunto: o Banco Central está realizando um concurso público para preenchimento de vaga para técnico. Exigência: nível superior completo. Pessoalmente, não me sinto prejudicado, por que posso concorrer. Agora não entendo porque um torneiro mecânico, um Marronzinho, podem concorrer à Presidência, enquanto outros cidadãos que não possuem formação universitária não podem se candidatar ao emprego no Banco Central.

Afinal, a Presidência da República não é um emprego público? **Ricardo Rêgo de Melo — CSC 2 — Taguatinga**

Barbarismo eleitoral

O momento político importante que vivemos tem sido denegrado pela atuação de pessoas descomprometidas com a democracia, sejam elas de direita ou de esquerda.

As imagens e os fatos nos revelam a falta de respeito às liberdades. Quando candidatos, protegidos por leões-de-chácara, avançam sobre cabos eleitorais ou, quando os cabos eleitorais, avançam sobre os candidatos. Como construiremos uma Nação sólida com esse barbarismo?

É necessário o devido equilíbrio ao candidato e à sua assessoria. Os partidos deveriam orientar seus militantes ao respeito. Dialogar sim, agredir jamais. Isso não faria da campanha uma chatice que se mostra no noticiário sensacionalista, mas a tornaria mais movimentada, dando lugar ao debate civilizado. **Elias Paniago Pereira — C2 — Taguatinga**

Em defesa de Collor

Em resposta à carta da leitora Suzana Coelho, publicada nesta coluna em 2/10, em primeiro lugar, quero esclarecer que não é a crítica ao candidato Fernando Collor de Mello por parte de alguns leitores que me levou a escrever anteriormente neste jornal.

A crítica, quando feita em linguagem respeitosa e educada, pode ser construtiva e até benéfica. Porém, quando feita em termos ofensivos e com a única intenção de influenciar negativamente o leitor, a crítica passa a ser agressão e subversão da verdade. Como exemplo, cito aqui apenas um caso: a leitora Sônia Ribeiro, em carta de 7/9, disse que Collor tinha votado contra as Diretas. No programa eleitoral gratuito da TV, dos dias 29-30/9 e 1/10, foi exibido um clip da sessão do Congresso Nacional, da votação das Diretas, onde Collor aparece dando o seu inequívoco "sim".

Cartas tendenciosas e agressivas não deviam merecer espaço nesta coluna. Outro reparo que desejo fazer: na minha carta de 18/9, não empreguei o termo "loucos" e, sim, "louros". Há algo que se chama respeito mútuo, do contrário, retrocederemos à idade da pedra. **Anna Mendes — SQS 203**

O voto da razão

O nosso país está atravessando uma de suas piores crises social, política e econômica de sua história. Mais superior a tudo isso é a crise dos valores morais da maioria dos homens públicos que comanda o nosso destino.

A história nos proporciona uma grande oportunidade, ou seja, a eleição para presidente da República. Temos que saber votar, não podemos nos deixar levar pelo emocionalismo. Temos que votar pela razão. Não queremos salvadores da pátria, pessoas que não têm coragem nem de assumir seu passado político.

Temos que usar o nosso voto como instrumento de mudança, de transformação, votando em homem público que acredita na política, na liberdade e na democracia. A nossa geração tem o dever moral de lutar pela consolidação da democracia, pois será a maior herança que deixaremos para nossos filhos. **Edivaldo dos Santos — Núcleo Bandeirante**